

ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS

ROBERTO PIVA: PROFESSOR OF CHAOS

Fabício Carlos Clemente¹ (UFG)

Resumo: Este artigo tem como objetivo estudar a relação entre poesia e conhecimento na obra do poeta Roberto Piva a partir da visão do saber, da escola e das instituições de ensino traçada ao longo dos escritos do autor. Em toda a obra de Piva há menções aos espaços, aos corpos, assim como a determinada teoria do conhecimento professada nos lugares representativos da educação formal. Pressupõe-se, tendo em vista a postura do sujeito piviano diante do tema e o modo como se refere a professores, à universidade e demais instituições do saber, que, a partir das relações esboçadas entre o sujeito e a escola, elabora-se uma contrateoria do conhecimento, que é reação à violência epistemológica sofrida pelo eu. Tal conflito seria constitutivo da subjetividade da poesia de Piva e se estenderia a sua concepção literária. O artigo pretende, nesse sentido analisar, a partir da leitura das *Obras Completas* (2005), (2006), (2008) o caráter “professoral” dessa subjetividade, culminando na indagação sobre a força e permanência da epistemologia do delírio de Piva na contemporaneidade. Servem de base ao estudo aqui empreendido desde referências aos estudos críticos presentes nas *Obras Completas* como os de Claudio Willer (2005) e Alcir Pécora (2005), passando por Octavio Paz (1982) e Heidegger (2019), até o pensamento de Byung-Chul Han (2015) e Annie Le Brun (2018), presentes nos questionamentos finais.

Palavras-chave: Poesia Brasileira. Ensino. Epistemologia. Roberto Piva.

Abstract: *The present paper aims to study the relationship between the poetry and the knowledge on the Roberto Piva's literary work from the vision of the knowing, of the literary school and of the teaching institutions over the author's writings. In all Piva's work there are mentions to the spaces, to the bodies and also to the theory of knowledge professed in representative places of formal education. It is assumed according to the mode that the "Piviano subject" faces the theme and also the way he refers to the teachers, to the University and others places of teaching that from the sketched relations between the being and the school, it elaborates another theory of knowledge that is a reaction to the violent epistemology suffered by the subject. That conflict becomes the most important constitutive of the subjectivity present in Pivas's poetry and also in his literature conception. The paper intends to analyze the professorial character present in the Piva's subjectivity starting from the reading of the *Obras Completas* (2005), (2006), (2008) and culminating in the inquiry about the strength and permanence in contemporaneity of the Epistemology of delirium incarnate in Roberto Piva's work. The study in canvas uses as theoretical support the critical studies beginning with Claudio Willer (2005) and Alcir Pécora (2005) present in *Obras Completas* as well Octavio Paz (1982) and Heidegger and the thoughts of Byung-Chul Han (2015) and Annie Le Brun (2018) in the conclusion.*

Keywords: *Brazilian poetry. Teaching. Epistemology. Roberto Piva.*

¹ Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. E-mail: fabricioclemente01@gmail.com

1. Momento abatido na extrema paliçada

Mais de uma vez, os escritos do poeta contemporâneo brasileiro Roberto Piva² mencionam professores, mestres e profissionais do saber. O mesmo acontece a respeito de referências a ambientes de ensino ao longo de sua obra. Nesse sentido, as instituições da educação formal e os vários corpos que as povoam são curiosamente problematizados.

No livro de estreia de Piva, *Paranoia* (1963), os professores são apresentados como as burlescas “máquinas de fezes conquistadas pelo Tempo invocando / em jejum de Vida as trombetas de fogo do Apocalipse” (“visão 1961”, PIVA, 2005, p. 32). Semelhante sátira em livre associação de imagens, proferida em tom axiomático de potência e superioridade, evidencia um juízo, como se a gama de valores (e representantes de valores) do mundo já houvesse passado pelo tribunal da sensibilidade do sujeito. Esse processo parece ser fruto de ruptura desejada, buscada e alcançada. Dessa maneira, o sujeito já está constituído pela negatividade que o define como oposto daquilo que satiriza. A imprecação máscula e vitalista remete, então, a um estado de força com que o sujeito se define diante do objeto de suas diatribes. Mas nem sempre é assim.

Em outros momentos de *Paranoia* é como se o *eu* se ressentisse de modo pungente, tornando-se vulnerável diante do que se pode definir como uma violência epistemológica sentida no âmago da experiência poética. É o que se percebe em algumas passagens conduzidas por um *pathos* característico: “vi os professores e seus cálculos discretos ocupando/ o mundo do espírito/ vi criancinhas vomitando nos radiadores/ vi canetas dementes hortas tampas de privada” (PIVA, 2005, p. 67). Trata-se de imagens que, sobrepostas, remetem a estados de abandono e desamparo e à presença perturbadora de certos objetos na lembrança do sujeito poético, como se uma ferida emergisse, perturbando a triunfal figura do poeta-profeta ostentada pelo autor.

² As obras completas do autor paulistano Roberto Piva (1937-2010) estão reunidas em três volumes *Um estrangeiro na legião* (2005), *Mala na mão e asas pretas* (2006) e *Estranhos sinais de Saturno* (2008) – nos quais constam os livros *Paranoia* (1963), *Piazzas* (1964), *ABRA OS OLHOS E DIGA AH!* (1975), *Coxas* (1979), *20 poemas com brócoli* (1981), *Quizumba* (1983), *Ciclones* (1997) e *Estranhos sinais de Saturno* (2008). Para a composição deste artigo foram utilizados os textos das obras completas. As citações dos estudos de Alcir Pécora e Claudio Willer usadas neste estudo estão presentes no Volume I das Obras Completas, *Um estrangeiro na legião* (2005).

Assim, em “A Piedade”, aparecem novamente na memória do sujeito “os professores” que, agora, “falavam da vontade de dominar e da luta pela vida”, quando o mesmo “urrava nos poliedros da justiça” o seu “momento abatido na extrema paliçada” (“A Piedade”, PIVA, 2005, p.41). Mostra o poema que urro do *eu* e a fala dos docentes encontram-se em franca oposição: mas é aquele, não estes, que estava outrora abatido. Talvez todo o elogio da transgressão que se segue no poema (“se eu fosse piedoso meu sexo seria dócil e só se ergueria aos sábados à noite”, “eu me universalizaria no senso comum e eles diriam que tenho todas as virtudes”, “eu não sou piedoso/ eu nunca poderei ser piedoso”) chegando à apoteose dos “arcangjos de enxofre” que “bombardeiam o horizonte”, possa ser considerado um contra-ataque à dinâmica da rememoração que incide lancinante sobre a escrita.

Sob essa visada, evidencia-se uma luta a mostrar-se na vida interior do eu poético. Mais ainda, a própria escritura é concebida na poesia de Piva como embate entre a vida interior e a cultura de uma forma geral. Os trânsitos dessa escrita procedem, nessa perspectiva, a imagética que a compõe não como procedimentos estéticos e sim como arremetidas do sujeito frente aos próprios demônios, aos próprios interditos. Formas não-discursivas de pensamento e retórica tornam-se, na fatura poética, armamento simbólico diante dos símbolos da cultura. Dentre esses símbolos, não raro, aparecem as escolas e seus tutores.

Tais são as motivações perceptíveis nos traços com os quais Piva desenha os docentes, de novo de forma derrisória, também nos manifestos “Os que viram a carcaça”, de 1962³. Há nesses textos, entre várias outras disjuntivas, os posicionamentos pivianos “contra a Lógica pela Magia”, “contra as responsabilidades pelas sensações”, “contra a mente pelo corpo”, “contra os ovos cartesianos pelo óleo de rícino”, “contra o regulamento pela compulsão”. Tais posicionamentos culminam, assim, nesses manifestos, com a tomada de partido “contra os professores pelos pajés” (PIVA, 2005, p. 141). Proclama-se, enfim, nesse jogo de valoração, que se ponha “abaixo as Faculdades e que triunfem os maconheiros” (PIVA, 2005, p. 137).

³ Os manifestos ora citados, como relata o poeta e ensaísta Claudio Willer, no posfácio ao primeiro volume das obras completas de Piva, embora sejam assinados por “os que viram a carcaça”, foram escritos por Piva na íntegra. Datam, esses textos, de março de 1962 e foram distribuídos em cópias de mimeógrafo. Tais manifestos intitulados “O minotauro dos minutos”, “Bules, bílis e bolas”, “A máquina de matar o tempo” e “A catedral da desordem” constam nesse *Um estrangeiro na legião* (2005).

Não só os tutores, catedráticos, *scholars*, mas na mesma medida os seus espaços são rejeitados pelo sujeito piviano. Por oposição a eles e à natureza “lógica” do cabedal que se lhes imputa enuncia-se adesão à “magia”, ao conhecimento pela experiência erótica e a formas outras de vida como a dos indígenas-xamãs celebrados pelo poeta. Perfaz-se, ainda, um olhar que aponta para a atitude gregária e para os espaços abertos, para além dos muros da escola.

A escola, a universidade e os internatos (este lugar-metáfora do desejo circunscrito), para cujos “tetos estéreis” os “adolescentes maravilhosos” de “Paranoia em Astrakan” “fecham os cérebros” (PIVA, 2005, p. 37), antes de incendiar tais recintos, são, sob o olhar de Piva, lugares avessos ao *eu*, ao universo analógico-imagético e aos movimentos caóticos da sensibilidade do sujeito. Esses lugares ilustram para o autor a repressão sexual e a heteronormatividade a serem despistados pelo saber de um desejo clandestino, como na “Ode a Fernando Pessoa”, em que há esta “Carícia obscena que o rapazito de olheiras fez ao companheiro de classe e o/ professor não vê” (PIVA, 2005, p.22). Tal carícia só pode se concretizar, pois, às escondidas, escapando da percepção do mestre, das paredes e muros do panóptico escolar. Em *Piazzas*, segunda publicação de Piva, o sujeito se dirige a seu amante remetendo aos momentos em que “não vais à escola para assistires Flash Gordon/ e ler Otto Rank nas esquinas” (PIVA, 2005, p.95). Para Piva a vida, o amor e o conhecimento evidenciam-se fortemente ligados ao desejo transgressivo do corpo e apontam, assim, no olhar do poeta, para outro lugar que não as instituições de ensino.

Essa oposição mantém-se, portanto, até o final da obra de Piva. Tal oposição está, nessa perspectiva, declarada em *Estranhos sinais de Saturno* (2008), último livro publicado pelo poeta, quando (com a excentricidade que caracteriza semelhantes diatribes), após sugerir que um seu ancestral havia “comido carne humana”, Piva observa que os “professores universitários / & sua antropofagia vegetariana / apavorados peidam no escuro” (PIVA, 2008, p. 136). Antropofagia vegetariana? Então, aludindo ao manifesto antropófago de Oswald de Andrade, não estaria Piva a sugerir que a universidade e seus mestres e doutores, que seriam, nessa visada, comedores da carne sintética da historiografia literária de currículos e programas, representariam uma domesticação e/ou neutralização do caráter mais radical do modernismo brasileiro e da poesia mesma de um modo geral?

2. Poeta carnívoro

A crítica é, de todo modo, exacerbadamente satírica em seu maldizer peculiar. Questionado, pois, sobre esses escárnios, o autor endossa a pose anárquica. É o que se pode ver no seguinte trecho de entrevista concedida à revista *Cult*, em 2000:

CULT – Queria que você falasse um pouco da sua relação com a universidade. Em *Paranoia*, você escreveu que professores “são máquinas de fezes”. Noutro poema, sobre a batalha de Campaldino, onde aparece a dúvida quanto ao fato de os guerreiros terem comido carne humana, você diz que os “universitários”, com sua “antropofagia vegetariana, apavorados, peidam no escuro”. Fale um pouco sobre isso.

Piva – A universidade é o túmulo da poesia. Eu só fiz curso superior para poder dar aula. Não podia lecionar com dois livros publicados. Lecionei por quinze anos. Tudo o que me deram para ler na universidade ou era sucata ou eu já havia lido. Insisto em que as universidades devem ser transformadas numa coisa viva, isso é, num terreiro de candomblé. Com pais de santo, ou xamãs, no lugar dos professores, de modo a propiciar aos alunos uma verdadeira iniciação. As universidades precisam de um corpo docente e um corpo indecente (risos)⁴.

Pode-se captar, nessa mirada, uma proposta que visa resgatar o veio mais transgressivo de proposições do manifesto antropófago de Oswald de Andrade? A convivência conflituosa desse modernista com o ambiente universitário atestaria, desde já, uma problemática que Piva resgata, desejando apropriar-se desse movimento e ressignificá-lo, como nos referidos “Os que viram a carcaça” em que se diz, em glosa ao manifesto oswaldiano, que “só a desordem nos une. Barbaramente. Sexualmente” (PIVA, 2005, p.141). Trata-se, a todo custo, de investir na categoria de ruptura com que Piva lê e compreende a modernidade literária – a ponto de o poeta identificar, numa contiguidade natural e absoluta, a criação literária à tal categoria.

Nesse sentido, o poeta e ensaísta Claudio Willer salienta em Piva a “voracidade bibliográfica, equivalente àquela em outros campos, inclusive o da alimentação” (2005, p. 146). Parafraseando a expressão de René Char sobre escritores surrealistas, Willer endossa em Piva o “poeta carnívoro”, também ligando-o ao sentido da Antropofagia de Oswald de Andrade, ao referir-se ao sincretismo do autor de **Coxas**. Nesse livro, de 1979, uma narrativa em prosa poética, há um grupo de adolescentes a

⁴ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-roberto-piva/>.

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

formar uma sociedade secreta que resgata inúmeros aspectos de comunidades arcaicas no contexto urbano de São Paulo. Conta a narrativa que neste clube “Osso & Liberdade”, para ser admitido um garoto “deveria saber de cor 2 ou 3 capítulos de Macunaíma” (PIVA, 2006, p.60).

Esses adolescentes, que “especialistas em Dante e Mário de Andrade” fazem, assim, toda espécie de orgias entre si; mais banquetes, rituais e conversas de alto teor poético-erótico buscariam, de acordo com Piva, reviver o ideal grego da Pólis para, como se pode depreender da visão apresentada pelo poeta, educarem-se fora das exigências escolares da cidade técnica-industrial e suas categorias reificadas e utilitárias, segundo o retrato piviano da capital paulista. Nessa perspectiva, tais personagens criariam para si um lócus em tudo oposto ao status de sujeira, opressão e heteronormatividade da metrópole, que neles sempre se insinua de modo nefasto na imagem da “massa cinzenta do capitalismo periférico sem escapatória” (“Os escorpiões do sol”, PIVA, 2006, p.52) que lhes marca o olhar com uma melancolia contra a qual a construção narrativo-poética de Piva reage, numa exaltação extemporânea e irreverente do viés antropófago no modernismo brasileiro.

É interessante considerar essa perspectiva de retomada dos produtos da cultura, e da história literária, por parte de adolescentes que se autoeducam numa comunidade emancipatória e clandestina, guiados, sobretudo, pelo desejo e pela paixão do caráter transgressivo com que esse empreendimento é levado adiante. Ora, isso se dá como afronta a todas as formas de tutela, mandarinato e, sobretudo, aos sistemas curriculares da escola formal. O que diria o professor distraído que no trecho da “Ode a Fernando Pessoa” mais acima transcrito, deixa escapar a “carícia obscena” dos colegas de sala ao saber que os garotos de **Coxas** desbravam páginas de Mário de Andrade e Dante Alighieri com a mesma fome com que, ao mesmo tempo, se amam, acariciam-se, devoram-se, beijando-se e descobrindo as sendas do próprio corpo traçado nas linhas de uma poética, de uma erótica, de uma política declaradamente insubmissa?

Parece dar-se segundo essa concepção de uma epistemologia do prazer, que é reação, ou alternativa necessária à violência epistemológica da qual o sujeito anseia

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

desvencilhar-se, o modo como, no “Manifesto utópico ecológico”⁵, de 1983, Piva discorre a respeito do suposto atraso “em pelo menos dez anos” das escolas brasileiras, “em relação às últimas descobertas científicas no campo da física, biologia, astronomia, linguagem, pesquisa espacial, religião, ecologia, poesia cósmica etc.”, frisando, segundo sua desbragada sátira, a “imobilidade” no “vício de linguagem”, em “currículos de adestramento”, professados por mestres que “não têm nada a transmitir”. A causa disso seria, para Piva, a hipótese de que “o delírio foi afastado da teoria do conhecimento”. A conclusão drástica é que restaria para as referidas instituições de ensino uma única alternativa: “fechá-las e transformá-las em cinema”, onde (como acontece em **Coxas**, talvez?) “os adolescentes sigam novamente as pegadas da fantasia, com muita bolinação no escuro” (PIVA, 2006, p. 143).

Afora tudo de notoriamente absurdo e de meramente provocativo que tais formulações subentendem (e que, malgrado o tom de bravata, faz parte da estratégia da crítica nelas postulada), as diatribes até aqui enumeradas não deixam de ser instigantes – inclusive, por terem sido feitas por um poeta que atuou no ensino por alguns anos⁶. Sobre isso, o ensaio “A arte de transgredir: uma introdução a Roberto Piva”, do escritor João Silvério Trevisan informa que o poeta, que “sobreviveu em grande parte como professor de estudos sociais e história”, teria sido “um professor de muito sucesso, com rara vocação como pedagogo” e que, “em suas aulas aos adolescentes do segundo grau, costumava trabalhar as matérias a partir de poemas que os fazia ler e interpretar” (2002, p. 126).

Até que ponto seria interessante relacionar a postura de Piva, tanto em seus poemas quanto em seus manifestos, a sua própria experiência como educador? De que maneira incide sobre a constituição do sujeito, sobretudo no caráter conflituoso e belicista que este ostenta, o espinho na carne daquela violência epistemológica que se deseja, a todo custo, superar, pela experiência ou pela reiterada declaração da natureza emancipatória do próprio saber poético e erótico? Tal violência diz respeito, sobretudo, à supressão do sujeito no processo histórico e ao divórcio entre logos e práxis dado pela neutralização dos aspectos de ruptura entendidos por Piva como essência do ofício

⁵ O “Manifesto utópico ecológico em defesa da poesia & do delírio” encontra-se no segundo volume das obras completas de Piva, *Mala na mão e asas pretas* (2006, pg.142-145).

¹ Cf. D’ELIA, Renata. HUNGRIA, Camila. *Os dentes da memória – Piva, Willer, Franceschi, Bicelli e uma trajetória paulista de poesia*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011.

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

literário. Daí seu neovanguardismo e sua constante evocação do espírito rebelde das vanguardas do século XX, do surrealismo, assim como a sua compreensão própria da modernidade e da literatura como um todo.

Seja como for, para além de tais questões está o fato de que, em sua poesia (sobretudo em sua produção final, quando nela o sujeito se configura como um xamã), Piva (mesmo que o negue) deseja sempre comunicar algo que sabe, no sentido de passar adiante a verve literária-libertária de um conhecimento para ele emancipatório. Nesse sentido, não raro, o poeta Roberto Piva *professa*, traçando, inclusive, o memorial daquilo que desejara transmitir: “em todos os meus escritos procurei de uma forma blasfematória (*Paranoia*) ou numa contemplação além do bem e do mal a la Nietzsche (*Piazzas*) explicitar minha revolta e ajudar muitos a superar esta Tristeza Bíblica de todos nós, absortos num Paraíso Desumanizado, reprimido aqui & agora” (PIVA, 2005, p. 129). Instrui, tendo em vista explicitar, segundo o próprio entendimento, a natureza da experiência poética, no sentido de *iniciar* o leitor, sobretudo, se possível, o neófito adolescente: “a poesia mexe/ com realidades não-humanas/ do planeta/ profecias/ espíritos animais/ vidência/ estrela bailarina/ lugares de poder/ fogo do céu” (PIVA, 2008, p.82). Persuade, em estratégias de sedução que atentam para o sublime e a singularidade da iniciação: “seja devasso/ seja vulcão/ seja andrógino/ cavalo de Dionysos/ no diamante mais precioso” (PIVA, 2008, p. 37). Provoca, estimulando: “que você conheça este relógio sem nuvens / chamado morte / dependurado no planeta” (PIVA, 2008, p. 68). Passa adiante as referências que, para ele, constituem um cabedal anárquico e irresistivelmente interessante:

imensidade interior dos poetas da Aventura
 Nerval Pessoa & os templários Lao Tsé
 Sandro Penna Drukpa Kunley
 Virgílio Crevel
 Dino Campana
 Os expressionistas
 Trakl & Benn
 também piraram
 eles passam perto de nós
 sem saber esconder suas vertigens
 (PIVA, 2008, p.84).

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

é neste momento de fermento e agonia que te invoco grande alucinado
querido e estranho professor do Caos sabendo que teu nome deve
estar como um talismã nos lábios de todos os meninos

(“Jorge de Lima, panfletário do Caos”, *Paranoia*, PIVA, 2005, p.51)

Como esquecer, nesse sentido, de Mário de Andrade, “mestre querido” de Piva, que “na solidão de um comboio de maconha” surge “como um/ Lótus colando sua boca no meu ouvido fitando as estrelas e o céu/ que renascem nas caminhadas” (“visão 1961, *Paranoia*, PIVA, 2005, p.30):

É noite nos teus poemas, Mário!
Onde anda agora a tua voz?
Onde exercitas os músculos da tua alma, agora?
Aviões iluminados dividem a noite em dois pedaços
Eu apalpo teu livro onde as estrelas se refletem
como numa lagoa
É impossível que não haja nenhum poema teu
escondido e adormecido no fundo deste parque

(...)

Quero que a Pauliceia voe por cima das árvores
suspensa em teu ritmo

(*Paranoia*, 1963)

Deve-se considerar, nesse sentido, que, se a poesia, como afiança Octavio Paz (1982)⁷, é uma forma de conhecimento não discursivo; se, como criador de imagens, um poeta oferece suas visões (aquelas que, efetivamente, viu no momento em que as criava) ao leitor, ao seu ouvinte, então o poeta é, irremediavelmente, um transmissor de saber e experiência. No sentido profundo da dimensão ética da escrita e do tecer de sua voz diante do outro, o poeta professa – ensina, educa.

3. Professor do caos

O supra-ético do poético em Piva seria, nessa perspectiva, o despertar mesmo da busca, do “por em obra da verdade” (HEIDEGGER, 2019, p.53)⁸, caso se queira falar num sentido heideggeriano: mesmo que se intente negar a dimensão ética e

⁷ *O Arco e a Lira*.

⁸ HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa : Edições 70, 2019.

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

discursiva de tal experiência, pela independência que ela erige em relação ao conhecimento lógico-conceitual, deve-se admitir o quanto semelhante experiência é importante no âmbito de suas implicações no trato com a vida, com a natureza e com a formação humana, de modo geral. Sim, o âmago de tal educar encontra-se na função exercida pelo poeta, diria Pessoa, de “indisciplinador de almas”.

De todo modo, seja nas recorrentes declarações de princípios e de seus valores transmutados, seja em sua perspectiva do irracional, seja na realização mais bem acabada de suas imagens poéticas, Roberto Piva, por seu turno, constantemente apresenta a disposição daquele que *ensina*, daquele que oferta ao outro uma verdade necessária para a vida. É um pedagogo, esse professor do caos. Passando o poeta, sob esse viés, o seu conhecimento da vida e do cosmos a alguém. Este conhecimento, é importante ressaltar, ao investir numa epistemologia calcada no irracional e no não discursivo, se coloca, sempre, na perspectiva de um contradiscurso.

Nota-se, assim, em via contrária a tudo isso, que, para o autor, nesse caso, tanto a escola primária como os colégios e universidades seriam, de fato, cômodos contíguos da prisão que, segundo ele, seria a própria sociedade. Esses espaços seriam, pois, por natureza, absolutamente refratários ao poético. A poesia, para Piva, é antissocial, define-se como o oposto da sociedade. Esta, como afirma em **Piazzas**, seria, pois, um “cárcere criminoso”, “[...] uma Máquina que decide quem é normal & quem é anormal”, para submeter todas as virtudes ao “Princípio de Utilidade” (PIVA, 2005, p. 130). Para Piva, como dócil reprodutora de tal estrutura, a escola teria coagulado “em Galinheiro onde se chocam a histeria, o torcicolo & a repressão sexual” (PIVA, 2006, p. 144), onde as meninas e os meninos pivianos são mortificados (“seviçados pela alma ausente do criador?”) e “bufam como cadelas asfixiadas” (PIVA, 2005, p. 41). Daí, talvez, aquela menção ressentida, no sentido do abandono sentido pelo sujeito diante da violência sofrida pelo contato castrador com a razão utilitária, na qual o sujeito não se pode inserir: “quando eu ia ao colégio Deus tapava os ouvidos para mim?” (PIVA, 2005, p. 67).

Para Piva, é dessa visão agônica que nasce o constrangimento, que, em seus poemas e manifestos, traduz-se nos termos epistemológicos de uma revolta latente e explosiva, à cata de linguagem em que possa verdadeiramente arremeter em viva rebelião: daí a pesquisa constante revelada pelas frequentes menções em tom de frescor

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

juvenil às referências que lhe servem de base à teoria do conhecimento. Não raro, é quando Piva encontra essa linguagem nos autores e artistas que ama e celebra vivamente desde seus primeiros livros, que o universo escolar ressurgue, então, na memória, como contraponto e objeto de ressentimento a ser fulminado por sensibilidade outrora atrozmente ferida e aviltada. Forma-se, então, uma violência que se traduz em imagens destrutivas e de autodestruição, mas que, no final das contas, afirmam a vida.

Nesse processo, deve-se observar que as referências culturais são, muitas vezes (e sobretudo quando dizem respeito a autores mais conhecidos fora do universo familiar aos poetas malditos na esteira de Baudelaire, Rimbaud, Lautréamont) rejeitadas no que possuem de convencional e reinauguradas na perspectiva própria de Piva:

eu quero a destruição de tudo o que é frágil
 cristãos fábricas palácios
 juízes patrões e operários

(...)

Ah voltar de novo à janela
 perder o olhar nos telhados
 como se fossem o Universo
 o girassol de Oscar Wilde entardece sobre os tetos
 eu preciso partir um dia para muito longe

(...)

quando eu ia ao colégio Deus tapava os ouvidos para mim?
 a Morte olha-me da parede pelos olhos apodrecidos
 de Modigliani
 eu gostaria de incendiar os pentelhos de Modigliani
 minha alma louca aponta para a Lua
 vi os professores e seus cálculos discretos ocupando
 o mundo do espírito
 vi criancinhas vomitando nos radiadores
 vi canetas dementes hortas tampas de privada
 abro os olhos as nuvens tornam-se mais duras
 trago o mundo na orelha como um brinco imenso
 a loucura é um espelho na manhã de pássaros sem Fôlego
 (PIVA, 2005, p. 66, 67)

É, assim, na contramão do mundo dos “cristãos fábricas palácios/ juízes patrões e operários” que Piva celebra amorosamente seus mestres-poetas, seja Oscar Wilde, seja o artista plástico Modigliani, seja outro pensador ou escritor com o qual se identifique e no qual possa projetar seu vezo ideológico, em cujo cerne está a ideia de que a poesia possui uma essência libertadora que a coloca, naturalmente, como

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

experiência marginal, clandestina. “Voltar de novo à janela” é, dessa maneira, encontrar a saída desse mundo de conceitos fixos, opostos à experiência sempre de exceção da poesia. Segundo se depreende da concepção de Piva, os ditames de tal mundo já começam a ocupar a sensibilidade do sujeito pelo artifício dos “cálculos discretos” dos professores, submetendo-a aos princípios utilitários da sociedade técnica e administrada. Eis a realidade que pesa no sujeito como um “brinco imenso”, dependurado em sua orelha. Por isso o poeta procura manter vivo o fogo emancipatório e empoderador que encontra em seus poetas amados, o qual busca transmitir, ao citá-los e ofertá-los, como descoberta e amuleto, ao seu leitor: essa é, desde suas primeiras obras até a sua poesia final, a sua última, sua “extrema paliçada”.

À oposição epistemológica é, pois, contígua a oposição estética. Assim, o sistema literário tem, para Piva, seu correlato autoritário, neutralizador da vida, ou conformista, naqueles que o autor denomina “poetas babosos” (PIVA, 2006, p.147), provedores do que ele considera a “mensagem Lírica do Mimo” (PIVA, 2005, p.135); no “luxo protozoário” e na “ternura de lacinhos”, por ele escarnecidos; nas “borboletas douradas” dos “sonhos incolores da poesia das Arcadas” (PIVA, 2005, p.139).

Os poetas inseridos na lógica rejeitada por Piva seriam, nesse sentido, enunciadores do bom gosto; seriam os bons alunos, os que fazem direito a lição, que Piva diz, enfaticamente, jogar pela janela. Esses escritores seriam, em suma, os que, nessa visada, contiveram seus ímpetos para encontrar a linguagem adequada à castração imposta pela sociedade, tal como concebida pelo poeta. É a eles que o sujeito piviano fala em **20 poemas com brócoli**:

vocês estão cegos graças ao temor
olhares mortos sugando-me o sangue
não serei vossa sobremesa nesta curta
temporada no inferno
eu quero que seus rostos cantem
eu quero que seus corações explodam em línguas de fogo
(PIVA, 2006, p.115)

A poesia de Piva quer ser definida, portanto, como um antiestético projeto de fuga: “O século XXI me dará razão, por abandonar na linguagem & na ação a civilização cristã oriental & ocidental com sua tecnologia de extermínio & ferro-velho (...), seus literatos

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

sedentários (...), seus manuais de estética” (PIVA, 2006, p.147); “Tudo que chamam de história é meu plano/ de fuga da civilização de vocês” (PIVA, 2008, p.104)

Como plano, conjunto de valores, como filosofia, essa poética revela, pois, o caráter ideológico de sua visão de mundo binária, dada por aquilo que, na primeira poesia de Piva, o crítico Alcir Pécora, organizador das obras completas do poeta, chama de “sistema de oposições manifestamente esquemático” no qual “não há meios termos nem meios-tons” (PÉCORA, 2005, p.10). O binarismo “contra a mente pelo corpo”, “contra o céu pela terra”, “contra o cordeiro pelo lobo”, “contra o regulamento pela Compulsão”, “contra o meio-dia pela meia-noite”, “contra a religião pelo sexo” (PIVA, 2005, p.135) afigura-se, entretanto, em toda a obra do poeta, funcionando como uma espécie de métrica abstrata, que a dirige e delimita e é incessantemente reiterada. As virtudes dessa reiteração do valor supremo da poesia, que, constantemente apelam para anáforas, paralelismos, aliteraões, repetindo-se, sobretudo na poesia final de Piva, confundem-se e declaram-se, sem cessar, como medida que se confunde com a própria essência da poesia. A métrica do canto transgressivo faz-se, assim, métrica absoluta.

Então, mesmo que afirme, na mesma entrevista à Revista Cult, aqui mais acima citada, que sua poesia não possui “caráter prescritivo”, Piva deixa entrever que, sim, ao contrário de suas declarações neste sentido, na verdade, faz muito mais que “relatar experiências” em suas obras. Sim, “há método em sua loucura”.⁹ E a medida desse método é prescrita, quer queira, quer não, como senda sedutora e chave de ouro da experiência poética e erótica:

a poesia vê melhor
eis o espírito do fogo
minha mão
dança
no corpo do garoto lunar
(PIVA, 2008, p.39)

Também a prescrição é clara no que tange a uma poesia que trata constantemente de aliciar leitores para que descubram a força reveladora da literatura, de modo a intensificá-la na vida:

⁹ “Há método em sua loucura”, Maria Rita Khel. Estadão 10 de julho de 2010: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,ha-metodo-em-sua-loucura,579155,0.htm>.

Dante
 conhecia a gíria
 da *Malavita*
 senão
 como poderia escrever
 sobre Vanni Fucci?
 Quando nossos
 poetas
 vão cair na vida?
 Deixar de ser broxas
 pra serem bruxos?
 (PIVA, 2008, p.43)

Tal poesia é prescritiva também na sua apologia da juvenilidade do olhar, que, como se pode notar em seu elogio pederasta da adolescência, é imprescindível para que não se decrete, junto aos “antropófagos vegetarianos”, a morte da poesia e, por conseguinte, o enterramento e a neutralização total da grafia do sujeito na dinâmica turbulenta das linhas com que se escreve a história. Este pesadelo, que é feito de apagamentos. A voz dos poetas deve grafar-se, irredutível, nessa mesma história: lida, escrita, reescrita, transmitida pela voz fabricada e encenada sempre como voz amadora, a comunicar a fascinação de seu desejo.

Será, contudo, mera bravata a proposta piviana que aparece no “manifesto utópico ecológico”, propondo “Distribuir obras de poetas brasileiros entre os meninos da Febem, únicos (as) capazes de transformar a violência de suas almas em música das esferas” (PIVA, 2006, p.144)? Entre o logos, a práxis e o desejo de que a literatura possa ser realmente um agente transformador diante do naufrágio das utopias, é difícil avaliar. Em todo caso, isso relembra formulações como aquela feita por Castro Alves: “Oh! bendito o que semeia/ Livros, livros, à mancheia/ E manda o povo pensar...” (ALVES, p.15), conquanto, em Piva, isso se dê no elogio específico, de cunho neorromântico, deste poeta ao banditismo e à marginalidade juvenis.

Considerações finais

Sabe-se que os elementos atacados por Piva em sua batalha simbólica, em seu projeto de fuga, ou, melhor dizendo, na métrica conflituosa com que se configura sua voz, seriam hoje definidos em outros termos. Talvez impere, muito mais do que a

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

repressão e a negatividade dos interditos e do constrangimento ao sujeito, uma espécie de censura pelo excesso, conforme se vê na análise de Annie Le Brun em *Ce qui n'a pas de prix* (LE BRUN, 2018). Nesse sentido, para além do excessivo extrato ideológico do chamado à libertação da poesia piviana, interessaria, muito mais do que tal chamado, a abertura de um espaço de pensamento constituído pela delimitação que o poeta faz desse mesmo espaço como campo propício à investigação teórica e à descoberta. Faz-se necessário, pois, encontrar em Piva um outro, diferente daquele que a imediatidade de seus disfarces simula e quer fazer ver como princípio supremo.

Se, como afirma o filósofo Byung-Chul Han (2015), vive-se hoje em uma sociedade que se define pelo excesso de positividade, pela violência positiva, a qual arruinaria o sujeito utilizando-se, para isso, não do caráter repressivo próprio da negatividade, mas do excesso de estímulo, apelando, assim, para o narcisismo de um eu que se explora a si mesmo, então, a crítica piviana restaria ultrapassada. Talvez, nesse sentido, a exaltação que Piva faz do eu extático figurado pela sua verve neorromântica, naquela “demonstração orgulhosa da própria estranheza e excepcionalidade” apontada por Fábio de Souza Andrade (2000, p.76) acabe, desafortunadamente, integrando-se à positividade do *status quo*. E, na exaltação vazia da diferença, sem a experiência do outro, que caracteriza a apoteose neoliberal, talvez a voz delirante do poeta possa ser confundida com as “máquinas de ego narcisistas” (HAN, 2015) constitutivas da normalidade triunfante.

A qualidade artística das imagens, do ritmo, do pensamento e da erudição compartilhada pela poesia de Piva, assim como o universo que esta traz à tona, não se deixa, porém, capturar tão fácil pelo caldo envenenado que arrasta, dissolve e neutraliza os sujeitos ao longo da história. No Brasil, essencialmente refratário à modernização convivem, ademais, os avançados caracteres da apoteose neoliberal e os elementos ideológicos da sociedade de muros, paredes, grades, hospícios e internatos de um antigo século XX que, de todo modo, parece longe de acabar.

Seja em sua capacidade de fuga da vida protocolada pelas falsas positivities, seja pela sua reivindicação libertária da experiência de exceção, os ensinamentos da poesia de Piva atestam, de todo modo, a verdade da máxima que dá título a um de seus manifestos. Sim, Roberto Piva, querido e estranho professor do Caos, o século XXI, até agora, em vários aspectos, tem te dado toda a razão.

CLEMENTE, Fabrício. **ROBERTO PIVA: PROFESSOR DO CAOS.**

REFERÊNCIAS

- ALVES, Castro. *Poesias Completas*. São Paulo: Ediouro, s/d.
- ANDRADE, Fábio de Sousa. “Retórica da vertigem”. *Rodapé – Crítica de literatura brasileira contemporânea*, nº1. São Paulo: Nankin, 2001.
- ANDRADE, Oswald. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo; Globo, 2001, 3ª edição.
- FOSTER, Hal. *What comes after farce? Art and Criticism at a Time of Debacle*. New York: Verso, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- LE BRUN, Annie. *Ce qui n'a pas de prix*. France: Stock, 2018)
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- PIVA, Roberto. *Um estrangeiro na Legião*. Obras reunidas. Vol. 1 (Org.) Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2005.
- _____. *Mala na mão e asas pretas*. Obras reunidas Vol. 2. (Org.) Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2006.
- _____. *Estranhos sinais de Saturno*. Obras reunidas. Vol.3. (Org.) Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2008.
- TREVISAN, João Silvério. “A arte de transgredir”, in: *Pedaço de Mim*. São Paulo: Editora Contra-luz, 2002.
- WILLER, Claudio. “Uma introdução à leitura de Roberto Piva”. In: *Um estrangeiro na Legião*. Obras reunidas. Vol. 1 (Org) Alcir Pécora. São Paulo: Globo, 2005.

Recebido em 17/12/2020

Aprovado em 25/01/2021